

# A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



## REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALO. — FRANCISCO ROMANO GÓMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO

## Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 3,500 rs. — Semestre 1,500 rs. — Trimestre 1,000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 36. — SABBADO, 6 DE SETEMBRO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 4,500 — Semestre 2,500 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 3,500.

## SUMMARY.

Os contos do tio Joaquim (continuação) — Impressões d'uma viagem (continuação) — Contos e Lendas (continuação) — Aphorismos — Retratos dos nossos homens politicos (continuação) — Apontamentos biographicos — Jorge Sand — Gérard — Brazil — A ilha da Madeira — Palacio d'Aloutcha — Galope e trote — Chronica Semanal. GRAVURAS — Jorge Sand — Gérard — O palacio d'Aloutcha — Galope e trote — Ilha da Madeira.

## OS CONTOS DO TIO JOAQUIM.

### II

#### O AMOR DE DEUS.

Continuação

D'esta vez finalmente conseguiu o narrador não ser interrompido nunca mais. O auditorio sabia que o tio Joaquim não era para graças, e que em perdendo a tramontana dava por paus e pedras.

Calaram-se pois todos de vez, e de ouvido á escuta prestaram rigorosa attenção ao conto, que foi seguindo seu caminho, livre de empecilhos e desassombado de interrupções.

Verdade é, que de quando em quando, um *oh!* ou *ah!* desgarrado, saía da bocca aberta e pasmada de algum ouvinte de melhor boa fé; porém essas demonstrações sinceras de convicção e interesse não zangavam o bom do velho, antes pelo contrario lhe lisonjeavam a sua vaidade, que não era pequena, nem mal fundada.

Era todavia obra de momento; o interruptor arrependia-se, e um *psiu* geral lhe applicava o devido correctivo.

Como quando o ferro está quente, é que é o malhar; assim o tio Joaquim tambem n'estas occasiões lhes carregava mais a mão, trocando-lhes em miudos safados algumas das suas moedas, que por não serem de melhor toque mais lhe custavam a passar. Mas isto era sem abuso, e sem reincidencia.

A fogueira crepitava contente, a roda estava o mais attenta possivel, e o velho proseguiu na sua narração, tão desastrosamente interrompida.

— Meu padre, disse o moribundo com voz sumida, conheço que a minha hora chegou, e preciso partir para essa jornada tremenda, com os alforjes limpos de culpas e cheios de arrependimento.

Grande me vae ser esta empresa, mas com o perdão de Deus e vosso auxilio, espero leval-a ao cabo.

— Descanse; a misericórdia do Senhor é infinita, e se os meus socorros lhe puderem servir, aqui estou de alma e coração, como é meu dever, para lh'os ministrar.

— De ruim semente fraco fructo poderia sair, e meu pae, Deus lhe falle n'alma, andou n'este mundo, mais cuidando da vida, que vivia, do que da outra em que devia durar eternamente.

No seu tempo d'involta com livros bons, havia misturadas, como o joio com o trigo, essas más obras vindas

de França, e algumas mesmo d'aqui, que prégavam a falta de religião e o despreso pela Divindade.

Pelo menos, elle assim o acreditava, e esse effeito lhe tinham produzido. Mais tarde vim a saber que valiam muito, mas não para gente rude, que não as percebia, e que só lhe apanhava o mau, que mais facil era de colher, deixando de parte o bom, que andava mais escondido.

O mesmo acontece ao podador novato, que deita fora a vara do vinho, deixando em vez d'ella as outras que devia cortar.

Mas se diz o rifão, quem não sabe é como quem não vê; meu pae, tanto ás escuras andava, que fugia da luz da graça, como lobo do povoado.

Assim me creei, e assim vivi tambem até agora, e Deus sabe quantos desgostos me tem custado esta minha triste cegueira.

Pobre de mim! Não me lembrava de que o homem anda cá n'este mundo como o arado em terra de semeadura. Se o lavrador não tem mão na rabiça ou se descuida do trabalho, eil-o ahi vae corrido com os bois, como

o homem com as paixões por terras e ribanceiras, enterando-se aqui a mais não poder andar, resvalando além a não deixar rego.

Assim me ensinara meu pae, com magoa bastante de minha mãe, que se finava e padecia; e assim ia creando meus filhos, se o lavrador sagrado, que lá de cima nos vê, me não fizesse chegar ao rego, lançando mão do arado, que ameaçava partir-se d'encontro aos barrancos d'este mundo.

Ainda em creança os rapazes do sitio fugiam de mim, quando procurava brincar com elles. Chamavam-me — o diabo pequeno — e temiam-se de mim como do fogo. Eu em paga escarnecia-os por irem á igreja, ou dava-lhes pancada de cego, quando fugiam de brincar comigo.

Todavia soffria immenso por me ver isolado. Os entretenimentos de creança, que tanto agradam nas primeiras edades, não eram para mim, e vivia como o esparço no monte, á ventura e ao desamparo.

E voz do povo: só se veja, quem só se deseja, e rifão bem verdadeiro. Tambem o é que a solidão nos dá maus conselhos e origina os maus pensamentos.

A planta lançada á terra sem cultura e sem cuidados, vegetando em mau torrão, crestada das geadas e dos soes, e saccudida dos ventos, se cria vigor e robustez, tambem ganha espinhos para os troncos e amargo para os fructos.

Entregue só a mim, conhecia que o coração se empedernia e apertava, ficando de rija tempera, sem se dobrar á compaixão nem ao amor do proximo. Se eu era assim, a culpa não era minha de todo; mas o castigo, esse aguentei-o em cheio.

Muito em creança me faltou minha mãe. E a triste consolação de a acompanhar á sepultura, de rezar por ella na igreja, de lhe derramar lagrimas e agua benta sobre a cova, foram prazeres esses todos, que a minha má sina me prohibiu.

Entrar na igreja eu, e provar fraquezas dobrando-me a pedir ao Senhor! Não o podia, que era de vil, e não de um espirito forte e desamparado de credulidades de velhas. Ir sobre uma pouca de terra, onde alguns ossos ficavam e a carne se apodrecia, recitar orações, em que não acreditava, era loucura que não devia commetter!

E assim, padre, com a morte de minha mãe perdia eu muito mais do que outros a quem semelhante desgraça succede. Esses ao menos esperam tornar a vê-la na outra vida, e a morte sómente lhes é como separação temporaria.

Para mim era o apartamento eterno. Aquella cova roubava-me minha mãe para sempre. Nada ali me podia fallar e a terra ficava muda, como os ceos já de ha muito o eram.

O que senti então, Deus o sabe, que eu nem o posso dizer nem mesmo sei o que foi. Era como a planta enfezada, que se lhe vê partir o extremo esteio, sem encontrar mão amiga que a ampare, e que desde então reciea a menor aragem que a faça encurvar, ou o menor encontro que a derrube.

Cresci, cresci, e a descrença continuou a crescer em mim. Semelhava-me aos animaes na rudeza; a muitos na ferocidade, a todos no embrutecimento.



Jorge Sand.





a brava alegria das florestas, e o tropel ruidoso continuava o seu caminho, recordando as valentias dos sabujos mais audazes, e rezando entre chufas e gargalhadas a oração fúnebre do pingue eremita, que haviam desencovado e corrido sem parar, desde a madrugada até ao pôr do sol.

D. Sueiro Lopes, que se apartara d'elles antes da fonte da moira, é que não se mostrava satisfeito.

Sombrio e taciturno contra o costume deixou pender muda do tiracollo a trompa de prata, e nem o ardor da corrida, nem as convulsões do javali, varado pelo seu venabulo, lhe arrancaram os sons festivos, que em outras occasiões era sempre o primeiro a levantar.

A perda de dois dos melhores lebreos não o tirou da profunda tristeza; e vendo-os cair, banhados em sangue, nem proferiu uma palavra para animar os outros.

Que magoa, ou que remorso inclinava assim a cabeça do senhor de Algoço? Nas trevas da noite, durante as vigílias do seu leito sem somno tivera a visão, com que na raça de Biscaya a sombra ensanguentada de Diogo Lopes advertia sempre o cabeça da familia, de que a hora dos arrependimentos vinha perto.

Aquella pallidez no semblante, e aquella nuvem sobre a fronte era um presentimento de terror, ou a chamma occulta de alguma paixão ruim?

Quem seria capaz de adivinhar, ou de entender os segredos d'aquella alma?

Junto da fonte de S. João, o cavalleiro apeou-se, e com a cabeça recostada na mão deixou fugir a vista pelos montes fronteiros; mas o olhar vago e pasmado, mostrava que o espirito não estava ali.

De repente os ramos das arvores rangeram e estalaram, e uma figura saiu do meio dos loireiros, que d'aquella lado vestiam o sitio.

Ao ruido o castellão poz-se de pé, e levou a mão á espada. O semblante inculcava sobresalto, mas não receio. Nunca o medo entrara n'aquelle peito, que a piedade e a compaixão também nunca tinham visitado.

— Quem és? O que buscas? perguntou meio irado, e medindo com a physionomia carregada o robusto e esbelto mancebo, que, de arco na mão, e frechas passadas no cinto, lhe apparecia subitamente.

Este não se alterou. Sómente, vendo de perto o homem, que tantas lagrimas accusavam, assomou-lhe ás faces morenas uma leve côr, e das pupillas negras faiscaram dois relampagos, que obrigaram Sueiro Lopes a apertar com mais força o punho da adaga.

Com o tom firme e isempto de quem não deve, nem teme, Tello Vasques, porque era elle, respondeu:

— Sou o filho de Aires Vasques, o de Miranda, e só a vós buscava!

A concisão da replica, e a segurança da voz não agradou ao cavalleiro. Os seus olhos brilharam mais sombrios, e um sorriso ainda mais livido, que o costumado, encrespou-lhe os beiços.

— Que me vem pedir de tão longe o filho de Aires Vasques e porque me busca fora do meu castello, n'este logar deserto?

A ironia salpicava de escarneo as palavras pronunciadas lentamente em ar de profundo desprezo.

— Venho de tão longe, redarguiu o bésteiro pagando o olhar zombeteiro por um olhar aspero e frio, para

— Porque não fugimos nós d'aqui? murmurou elle a meia voz.

— Porque ninguem foge á sorte que o espera! acudiu a velha erguendo-se do escanho, e prendendo a mão alva e breve da Silvaninha entre as suas mirradas e seccas de ossos. Ide, não vos demoreis; e á meia noite, depois de sair a lua, na fonte da moira todos tres!

Era já escuro, e as estrellas como lampadas de brilho incerto, começavam a scintillar na abobada do ceo.

A viração suspirava mansa, bolindo as folhas das annosas arvores, que no cemiterio davam sombra aos mortos.

As relvas ensurdeciam os passos, e a rosa silvestre entrelaçava-se, trepando, com as verbenas sanguineas e com os goivos perfumados.

Ao lado da igreja entre rosmaninhos via-se uma cruz de pau com um nome inscripto. No topo, rusticamente entalhado, estava um arco, e por baixo d'elle uma data.

Ali repoisava de seten-



Gérard.

vos dizer, que vive em vossas terras a donzella, que vae ser minha mulher.

— Ah, ah! E é bonita e nova a noiva? Como se chama, heide conhecel-a?

Fallando assim, o tom e os modos do castellão encerravam tal veneno, que o mancebo sentiu arder no peito todas as iras do ciúme e do amor. Conteve-se entretanto, e a custo retorquiu como se nada percebesse:

— A mais formosa da aldêa e a mais moça. É a Silvana do Marnel.

— A Silvaninha! A perola de Algoço a um javardo de Miranda! Villão, pões o pensamento muito alto. Manjares do senhor não se dão a servos.

Foi Deus, ou o seu anjo custodio quem suspendeu o braço a Tello. No primeiro impeto de raiva a mão tremula procurou a setta mais aguda, e os olhos chammejantes marcavam no lado de D. Sueiro o logar do golpe.

Não escapou o gesto ao castellão, disfarçou-o porém, como se não visse, para continuar com mofas a pungir e lacerar o mancebo.

— Sabes, Tello, que pelos olhos verdes da Silvana daria eu o melhor cavallo e o melhor arnez, e que por cada beijo d'aquella bocca pagaria o resgate d'um barão? E cuida o villão que lhe deixarei enterrar na posilga a rosa dos nossos sitios?

— Senhor! bradou o bésteiro tremulo de colera e de ciúme.

— Fora! gritou D. Sueiro, mettendo o pé no estribo, e sacudindo o chicote no ar com altivez. Arreda-te! accrescentou vendo-o caminhar para si direito e pallido, com mil ameaças a fusilarem-lhe na vista.

— Arreda te, ou juro pela alma de meu bisavô, que dormirás no poço do meu castello tantas noites, que sairás de lá cego e doído!

— Veremos! articulou o bésteiro retesando o arco. Mas Deus é que sabe só aonde tu dormirás hoje!

O cavalleiro já tinha cravado as esporas no cavallo, e já arrancara o primeiro galope, quando estas vozes lhe chegaram. Ouvindo-as parou o corcel d'uma soffreada e

virando rijo sobre Tello, sem abaixar para elle a vista, disse-lhe entre risadas de affronta e de ultraje:

— Villão, não quero que te queixes. Não partirás descontente. Escuta! No dia em que a Silvana me tecer duas camisas com o fio das ortigas crescidas na sepultura de seu avô, n'esse dia é livre, e será tua mulher. Bem vês que te dou uma joia por um ceílil. Uma das camisas é para o seu noivado, e a outra é para o meu enterro. Até lá, que eu não torne a ver nenhum de vós!

A esperança, que renascia, esfriou de repente no coração do mancebo!

Fez-se branco de jaspe, perdeu a luz dos olhos, de-ceparam-se-lhe os membros como se fosse um corpo morto.

Quiz fallar, correr, e vingar-se; mas os pés, arraigados ao chão não se moviam, a lingua presa não se soltava, e a mão inerte não se erguia.

A dôr, atravessando-lhe a alma, tinha-lhe suspendido a vida!

Quando voltou a si, e olhou em roda, descobriu ao longe perdido na carreira o vulto do cavalleiro maldito, e pareceu-lhe que ainda ouvia estalar ao pé de si as gargalhadas do seu escarneo.

Os rouxinoes despediam-se a esse tempo dos ultimos raios do sol, gorgendo em torno ao despique, e o susurrar das aguas causava uma tristeza, que não se podia explicar.

Tello elevou ao ceo a vista toldada de lagrimas, e com a fronte inclinada poz-se a scismar.

A noite desceu, e cerrou-se sem elle dar por si; o vento levantou-se da serra, e gemeu nos arvoredos sem o sentir; e as primeiras gotas de chuva, nuncias da tempestade, caíram-lhe sobre a cabeça nua sem o acordarem da amargura.

Foi ao rebombo do primeiro trovão, que despertou espantado, e que a passos vagarosos principiou a retirar-se do sitio, aonde lhe amanhecera o amor cheio de alegria e de illusões, e aonde o deixava calcado aos pés, e convertido em cinzas.

## VII

— O afor va encontrar a aguia real. Já a sinto voar. Não chores, Silvana, que me disse quem o sabe que hade ser feliz. Tello, a frecha do teu arco pode dormir na aljava, não será a tua mão que o hade ferir. Esta noite, á meia noite, ide ambos ao cemiterio da igreja, ajoelha-vos e rezae sobre a sepultura do bom Garcia. Como as ortigas crescem, e estão viçosas n'ella! Quando sair o luar, Silvaninha, colhe-as a duas e duas, e traz-m'as no regaço á fonte da moira. É vespera de S. João, e o fio hade torcer-se. As duas camisas pedidas serão dadas; e uma semana, que virá, será a do noivado e do enterro. Não ouvis dobrar o sino? Enxugae os olhos, e tende fé. A aguia real já vem perto!

E a velha Aldonça, que era a que fallava, acabando de espiar a roca, poz-se a rir, com aquelle ar de bondade, que fazia da bruxa e da feiticeira a amiga de todos os afflictos.

— Tello, queres acompanhar-me? disse a donzella suspirando.

ta annos de fadigas e trabalhos o bom Garcia do Marnel, e uma seara de ortigas, altas e viçosas, cobria toda a sepultura, escondendo quasi a cruz.

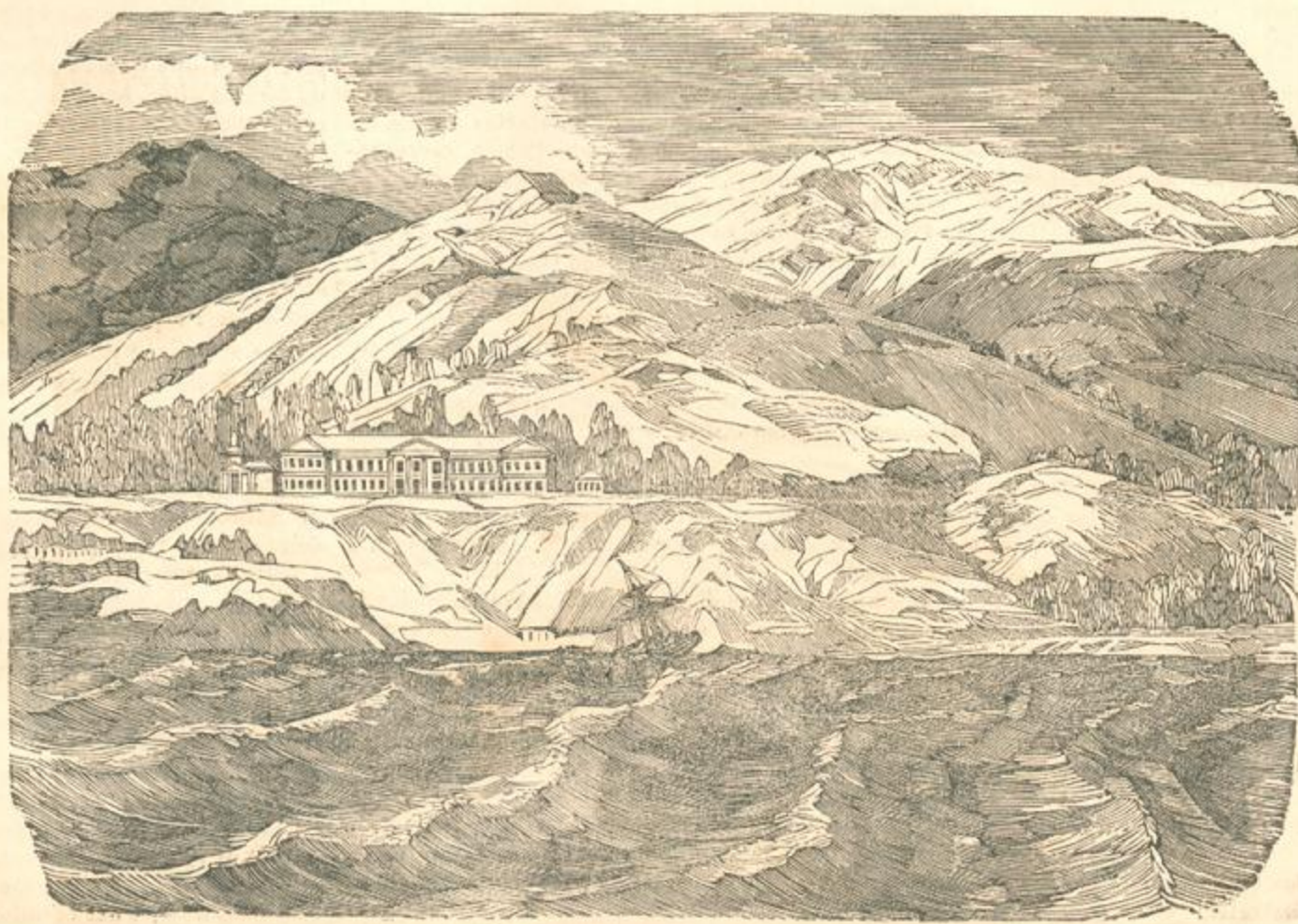
Como os prantos se deslisavam dos olhos da Silvaninha ajoelhada, e como a oração da sua alma traspassada subia pura e fervorosa até aos anjos invisiveis, que a haviam de levar ao throno do Senhor!

Mais afastado, e tambem de joelhos, Tello rezava com ardor; mas o seu coração, menos brando, misturava ás supplicas vozes de vingança e de castigo contra o oppressor.

A donzella ergueu-se por fim, e depois de beijar o chão, aonde o pé dos que amara se volvera ao pó, curvando-se principiou a cumprir as ordens da velha Aldonça.

A duas e duas foi apanhando as ortigas, e por tres vezes encheu o regaço.

Tinha apenas findado, quando, adiante no proximo oiteiro, chispou a labareda da primeira fogueira, e a voz de bron-



O Palácio d'Aloutcha.

ze do sino da torre tocou o primeiro repique.

N'este momento rompia a lua de traz da serra, e o seu clarão desmaiado vestia de um sudario pallido toda a campina, estendendo a sombra agitada dos troncos e ramos sobre a alvura mortal da sua luz.

Era a hora requerida; e o mancebo deu a mão em silencio á Silvana para a guiar. Durante o caminho tinham na alma tantas coisas, que nenhum fallou e só se olharam.

Quando chegaram não viram já senão uma serpente, que fugia desenhando os collos por cima dos penhascos, e uma corça branca pulando entre as arvores; mas a velha Aldonça, assentada junto do tanque, acenou-lhes para que esperassem, erecebendo das mãos da donzella as tres regaçadas de ortigas, banhando-as outras tantas vezes na agua, que fervia, pronunciando palavras que se não perceberam.

Minutos depois tirava-as para fora, reduzidas a febras tão finas e subteis como o fio, de que a aranha tece a teia, brancas como a neve, que cega, tocando as cristas recortadas da serra.

Passaram tre dias, e n'elles todos o fuso da bruxa nunca cessou de gyrar, nem a sua roca esteve um momento ociosa. Ao quarto dobou o fio, e ao sexto mettu a meada no tear.

Quando a semana estava por horas, D. Suiro Lopes, passando a cavallo defronte da choupana da velha, olhou para dentro e viu-a á porta com a Silvaninha adiante, cosendo ambas n'uma tela tão alva e transparente, que a vista se deslumbrava fitando-a.

— Guarde-vos Deus, boa velha! Que estaes cosendo com tanta pressa?

Dizendo isto os olhos do cavalleiro não faziam senão seguir os dedos afilados da donzella, que voavam sobre a costura.

— Estamos cumprindo a nossa promessa, respondeu a velha sem levantar a cabeça. Aquella é a camisa do noivado, e esta a mortalha do enterro. Ortigas nos deram o fio, e fadas nos tecerem o panno. Dentro de tres dias estará a obra prompta, e cada um no lugar que disse.

Apesar de esforçado, o castellão, ouvindo-a, vacillou na sella, fez-se da côr das tochas da sua ermida, e fugiu a bom fugir.

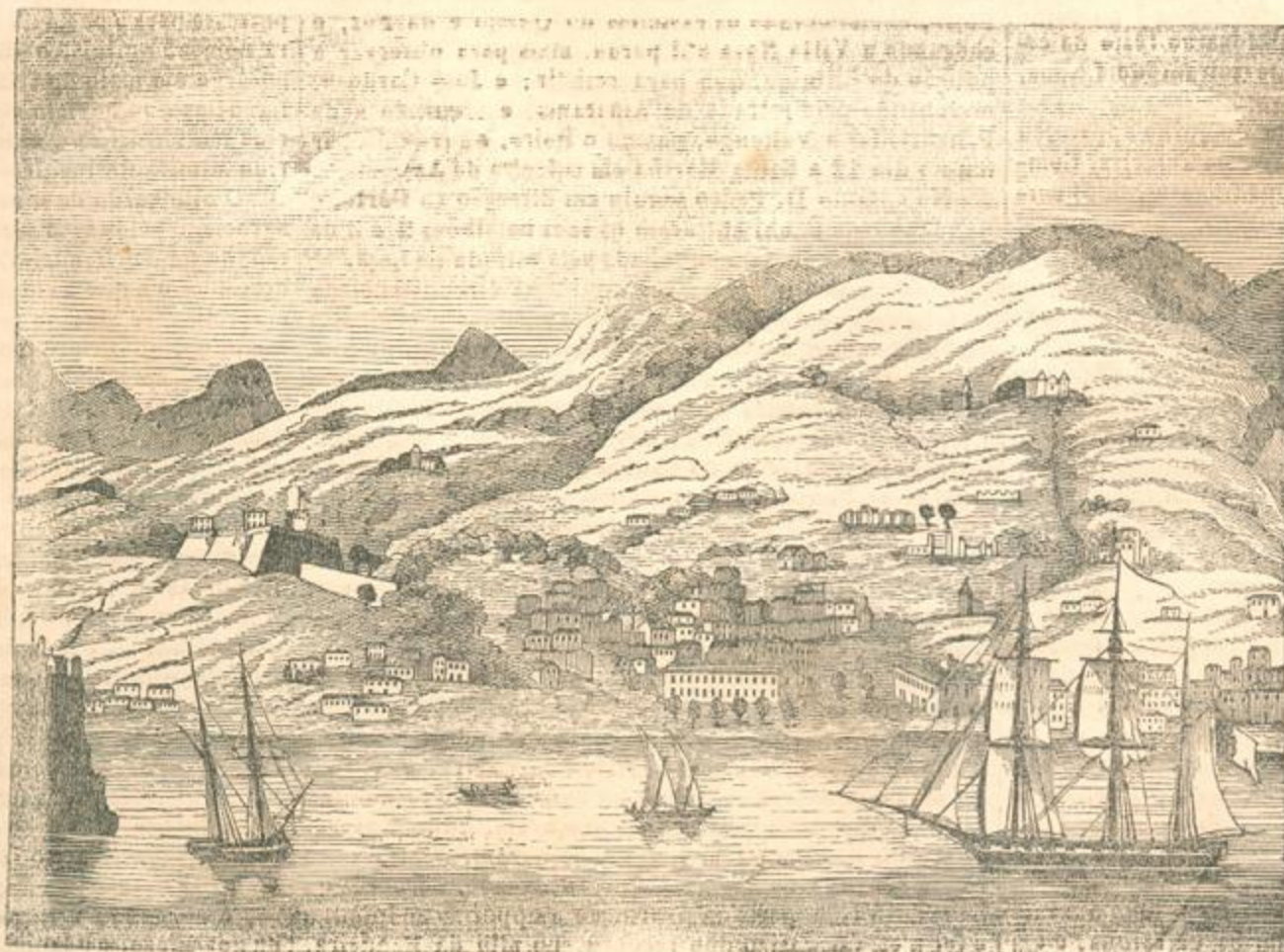
A velha deixou-o ausentar, e rindo, e meneando a cabeça, accrescentou dobrando a tela:

— Corre que mais depressa ainda corre contigo o destino. Ao que hade ser ninguem escapa.

Continua.



Galope e trote



Ilha da Madeira.

#### APHORISMOS.

A ambição varia nas diferentes edades do homem: na puericia satisfaz-se com maravilhas, e ninharias; na adolescencia quer liberdade, e prazeres; na virilidade busca dignidades, condecorações, e gloria; na senectude aspira a foros de sciencia, e virtude; e de ordinario contrahe alliança com a avareza.

O ambicioso considera como rivales aquelles, que se acham collocados na escala ascendente do merito.

Desviar o amigo do trilho do vicio é a função mais nobre da amisade.

O infortunio é a pedra de toque, pela qual se conhecem os quilates da amisade.

É mais perigoso o fingido amigo, que o declarado inimigo.

A belleza é um encanto, que se quebra apenas se gosa.

O escuro da ingratidão não eclipsa a brilho á beneficencia.

Só o devedor deve fazer lembranças no livro dos beneficios.

O respeito entre os conjuges conserva a harmonia.

A civilisação d'uma nação não se afere pelo seu luxo; mas sim pela illustração intellectual; pela perfeição industrial; e pelo justo conhecimento dos direitos do homem, e do cidadão.

A civilisação das nações é inseparavel da moral dos costumes.

O homem, avezado ao crime, pensa ver nos outros o seu retrato.

O violento despotismo provoca o tyrannicidio.

Pela maior parte, as mulheres feias, como amantes, são mais firmes e extremosas, que as muito bellas: aquellas dão-se por felizes em encontrar um homem a quem encantem; estas querem avassallar o mundo inteiro.

A felicidade tem uma escala gradual; se o homem, do ponto em que se acha collocado, olhar para cima, julgar-se-ha desgraçado; se olhar só para baixo, julgar-se-ha feliz.

Em momento de melancolia até aborrece a companhia.

A paciencia na desgraça diminue a intensão da dôr.

MORAES CARVALHO.

RETRATOS DOS NOSSOS HOMENS POLITICOS  
NO SECULO XIX.

## II

## VISCONDE DE SÁ DA BANDEIRA.

Continuação.

Alguns tempo passou Bernardo de Sá na Inglaterra, até que ali chegou noticia de se haver declarado pelo partido constitucional, no dia 22 de junho de 1828, a ilha da Madeira, cujo governador era José Lucio Travassos Valdez. O mesmo acontecera na ilha Terceira.

Esta noticia despertou nos emigrados fortes desejos de se empregarem na defesa d'aquelle primeiro ponto, que foi o que então se julgou defensavel com preferencia á Terceira, e para ella se dirigiram varios officiaes, a bordo da fragata brasileira *Isabel*. Entre estes se contava Bernardo de Sá Nogueira.

Apenas chegara ao conhecimento do governo de Lisboa o occorrido na Madeira, fez logo aprestar a nau D. João VI, tres fragatas, e sete embarcações menores com dois mil e quinhentos homens de desembarque, e largando de Lisboa esta expedição em 9 de agosto, deu vista da ilha em 17 do mesmo mez. Cinco dias depois deitaram na bahia do Machico alguma gente de desembarque, que sem resistencia occupou os fortes e sujeitou novamente a ilha.

Este contratempo obstou ao desembarque d'aquelles officiaes, alguns dos quaes conseguiram aportar á Terceira em de setembro. Bernardo de Sá passou ao Rio de Janeiro, para onde tambem se haviam enviado muitos emigrados do deposito de Plymouth, em virtude das exigencias do ministerio inglez para a dissolução do referido deposito. Depois d'ahi conferenciou com o imperador sobre os negocios de Portugal, voltou para Inglaterra, e em seguida se dirigiu para a ilha Terceira a prestar o auxilio do seu braço á causa a que se dedicara.

N'esta viagem para a ilha correu grande risco sua liberdade. A escuna ingleza em que navegava foi aprisionada por uma embarcação do governo de Lisboa, e para não cairem nas mãos inimigas, Sá Nogueira e um irmão que o acompanhava, tiveram de se esconder debaixo do carvão de pedra de que ia carregada a escuna.

Sete dias se conservou assim até chegar a S. Miguel, e embrulhado em uma vela, em quanto se procedia á descarga, pôde desembarcar com o auxilio do sr. Guilherme Hardeny Read, que era o consul inglez n'aquella ilha.

Dois mezes esteve hospedado em casa do referido consul até se poder evadir para a ilha Terceira, onde conseguiu entrar apesar do bloqueio das forças realistas.

As expedições ás ilhas do Pico, S. Jorge, Fayal e S. Miguel contaram-o em o numero dos que firmaram n'ellas a liberdade. A posse d'estas duas ultimas trouxe grandes recursos á emigração. A da primeira teve lugar em a noite de 23 de junho de 1831, sem a força expedicionaria disparar um só tiro. A da segunda no dia 2 de agosto depois d'um combate na passagem da Ladeira da Velha, que, situada entre Porto Formoso e a Ribeira Grande, cobre esta villa, e a cidade de Ponta Delgada.

Esta campanha dos Açores foi a precursora da do Porto, assim como d'estas victorias no archipelago, anteriormente o fóra a batalha da Villa da Praia no anno de 1829.

A posse da ilha Terceira havia sido disputada aos constitucionaes. Achava-se já ali o conde de Villa-Flor, hoje duque da Terceira, á testa do seu governo, quando nos principios de julho de 1829 se notou que as embarcações do bloqueio tinham desaparecido, e logo constou que recolhidas a S. Miguel e unidas ao resto da esquadra e navios de transporte que saíram de Lisboa, se preparavam para atacar a ilha.

Pela tarde de 29 do mesmo mez de julho appareceu de novo a esquadra inimiga nos mares da Terceira. Compunha-se de uma nau de linha, tres fragatas, duas corvetas, cinco charruas, quatro bergantins, duas escunas, dois hiates, dois patachos, e seis lanchas canhoneiras. Era o total de 340 bocas de fogo, com 3424 homens de desembarque, e 2224 da brigada da marinha e tripulações dos vasos de guerra.

A guarnição da Terceira constava então de 2386 homens de todas as armas e gradações. Os fortes da Villa da Praia apenas estavam artilhados com onze peças de diversos calibres.

Alguns dias se conservou a esquadra em vista da ilha sem descobrir seus ióntentos de desembarque; até que finalmente cercando-se de uns trinta barcos que mandou buscar ás ilhas de oeste, mostrou preparar-se para o ataque, que teve lugar no dia 11 de agosto.

Pelas 11 horas da manhã buscou a esquadra o fundeadouro mais perto da Villa da Praia, e do forte do porto saiu o primeiro tiro que causou grande avaria á nau D. João VI.

Quatro horas consumiu o inimigo em disparar a sua artilheria contra o forte e contra as linhas, primeiro que se resolvesse a tentar o desembarque. Finalmente 114 homens embarcaram nas lanchas, remando estas para a esquerda da bahia, onde a praia está coberta de cachopos ao lume d'agua. Sobre este ponto correu logo a sexta companhia do batalhão de voluntarios da rainha, e em seguida a segunda. O fogo dos voluntarios obrigou as lan-

chas a descairem sobre a serra de Santa Rita, que está a prumo ao mar.

Abrigado assim, o inimigo effectuou o seu desembarque. Á direita ficava-lhe a dita serra de Santa Rita, na frente o forte do Espirito Santo, e na esquerda e retaguarda o mar. Alguns soldados conseguiram subir até ao alto de Malmerenda na sobredita serra; porém o commandante do batalhão dos voluntarios da rainha correu á bayoneta calada sobre o ponto atacado, e guarnecendo o alto da serra, obrigou a depor as armas ao resto da primeira columna que já havia posto pé em terra.

O conde de Villa Flor acudindo da cidade veiu ser testemunha d'este triumpho. Trouxera o conde toda a força disponível que havia em Angra, e até a artilheria montada, á qual determinou logo que tomasse posição.

No entanto o inimigo tentava lançar em terra a segunda columna de desembarque; porém despersuadiuse d'isso quando as balas da artilheria montada lhe voltaram duas lanchas, e recolhido o resto á esquadra levantou ferro junto á noite, e seguiu para fora da bahia.

Antes de passarmos á empresa empenhada pelo desembarque nas praias do Mindello, justo é que apontemos aqui os recursos que a pequena força dos emigrados acolhidos á Terceira soube tirar da tomada das ilhas dos Açores. Fizeram n'ellas perto de 2000 prisioneiros de linha, que depois foram quasi todos incorporados nas fileiras do exercito expedicionario; augmentaram a sua artilheria com 250 peças; recolheram 5537 armas de infantaria, 3127 cartuxos embalados, 583 arrobas de polvora, 3937 balas de artilheria, 230600 cartuxos de infantaria e muitos outros artigos de guerra, que tudo foi aproveitado para a expedição do continente, com o novo recrutamento que se ordenou nos Açores pelo decreto de 12 de setembro de 1831, e o emprestimo de cento e vinte contos de reis que se derramou pelos habitantes da ilha de S. Miguel.

Foi n'esta ilha que a pequena divisão liberal se reuniu, por ordem do imperador, que desde 22 de fevereiro de 1832 se achava no archipelago á frente dos defensores do throno de sua filha a senhora D. Maria II. Concluidos finalmente todos os preparativos, largaram dos Açores a 27 de junho, e seguiram rumo ás praias de Portugal, onde felizmente aportaram no dia 8 de julho.

A expedição liberal tocava n'esse dia as praias de Portugal, e Bernardo de Sá Nogueira que viera na qualidade de ajudante de campo do imperador, foi logo expedido a terra como parlamentar, para entregar em Villa do Conde ao brigadeiro José Cardoso de Menezes (que para alli acabava de ser enviado pelo general Santa Martha com a terceira brigada da divisão do seu commando) o manifesto de D. Pedro, e uma proclamação em que o convidava e aos seus soldados, a unirem-se ás forças constitucionaes.

Não foi sem risco esta commissão de Bernardo de Sá, e difficuldade houve por parte do general inimigo em o considerar ao abrigo da inviolabilidade que lhe dava o caracter de que ia revestido. José Cardoso recusou-se a receber o manifesto e a proclamação, e o despediu intimando-o a retirar-se quanto antes se não queria ser victima da ira dos soldados.

Em vista d'este successo deram-se ordens para se principiar o desembarque na praia do Mindello, que tanto dista de Villa do Conde como do Porto; e pelas tres horas da tarde já o conde de Villa Flor, e o seu estado maior estavam em terra, e o desembarque progredia sem ser hostilizado.

Eram nove da noite e toda a força expedicionaria se achava já em posições convenientes para se defender em caso de ataque; porém Santa Martha havia desfilado para o Porto, abandonando os castellos do Queijo e da Foz, e chegando a Villa Nova ahi parou, mais para observar a posição do inimigo, que para resistir; e José Cardoso, marchando pela estrada de Amarante, e seguindo a de Penafiel, foi a Vallongo, passou o Doiro, e se reuniu por fim no dia 12 a Santa Martha em Oliveira de Azemeis.

No entanto D. Pedro seguiu em direcção ao Porto, e na manhã de 9 ahi entraram os seus batalhões 2 e 3 de caçadores, que tinham marchado pela estrada de Leça.

Não é nosso intento fazer aqui uma circunstanciada relação do cerco do Porto, nem das surtidas e combates que sobre as suas linhas tiveram lugar. Para seguir a biographia que vamos traçando, bastará dizer que D. Thomaz de Mascarenhas foi nomeado governador militar do Porto, cargo de que foi exonerado em vinte e seis de julho, em consequencia do panico que na cidade se seguiu á acção de Ponte Ferreira, dando surprehendido o exercito libertador e fugido o imperador, e chegando-se a ordenar o embarque do thesouro, das bagagens, e das autoridades. Sá Nogueira foi quem o substituiu n'aquella governo, conservando essa posição até ser nomeado ministro da marinha e do ultramar.

Chegou o dia 8 de setembro e do Porto se avistou uma forte columna inimiga, que avançava de Grijó pela estrada da Bandeira. Já dias antes se presumia que os realistas se preparavam para atacar o convento da Serra. A artilheria montada estava collocada no Seminario que domina a estrada por onde os realistas avançavam. Aquelle aspecto muitos habitantes do Porto se armaram, e atravessaram o rio para defenderem o ponto atacado. Bernardo de Sá acudiu com parte da guarnição a oppor-se ao inimigo e foi n'essa occasião que recebeu, no alto da Bandeira, o ferimento de bala que lhe fracturou o braço. Apesar

d'isso Bernardo de Sá conduziu as suas tropas na melhor ordem durante a sua retirada para a cidade, e foi quem a salvou de ser entrada por aquelle lado.

A *Historia do cerco do Porto*, e a *Guerra da successão*, que temos presentes ao escrever esta biographia, fazem a este official dignos e merecidos elogios. Napier, com a sua usual franqueza, diz que «tinha uma natural inclinação para combater; que nunca por sua vontade se encontrou ausente do logar em que se desse um tiro, e que geralmente era bem succedido no que emprehendia.»— Simão José da Luz, na primeira das obras que deixamos apontadas, diz ser um «official de bem comprovado valor, de coragem nunca excedida no campo da batalha, d'uma firmeza de caracter a toda a prova, d'uma conducta e honra nem levemente manchada.»— Attribute-lhe igualmente o importante serviço de se guarnecer a Serra do Pilar n'aquelle dia 8 de setembro, ficando este ponto d'ahi por diante fazendo parte das fortificações do Porto, sendo muito para lamentar que os seus conselhos não fossem ouvidos para se fazer o mesmo ao monte de Castro, porque, se o fossem, não seriam tantos os apertos e as difficuldades que depois houve no desembarque de mantimentos.

E porque n'esta occasião nos reportamos á *Historia do cerco do Porto*, livro a todos os respeitoz digno de credito pelo testemunho presencal do seu autor, e imparcialidade com que está escripto, aqui deixaremos traçado o caracter de Bernardo de Sá, com a seguinte narração que n'elle se faz depois do desastre de Souto Redondo, em 7 de agosto:

«D. Pedro passeava pela sala, e mordendo os beiços, viam-se-lhe horbulhar pelos olhos fora as lagrimas, que lhe inundavam as faces. Todavia era necessario cuidar na salvaguarda dos fugidos, e segurança do exercito, conduzido assim a taes extremos: e quando, levado d'estes cuidados, o mesmo D. Pedro perguntou a Bernardo de Sá o que julgava do acontecido, e o que devia fazer-se em taes circunstancias; este lhe respondeu: «Senhor o general Povoas teve sempre creditos de excellente official, e se elle, olhando agora para a precipitada fuga em que vem as tropas de vossa magestade, cumprir com o que se pratica em taes debandadas, não lhe resta mais que deitar a correr sobre a estrada dois esquadrões de cavallaria, com os quaes, tomando no alto da Bandeira a vanguarda aos fugitivos, sem risco algum aprisionará a todos, desde o general até ao mais somenos soldado. No aperto pois em que nos vemos é conveniente pensar desde já no modo como se hade sair d'elle, e o unico recurso que n'aquella hypothese nos resta, quando tal hypothese se verifique, é o embarcar vossa magestade com toda a gente, que presentemente se acha no Porto, a bordo dos navios que ainda restam da expedição, os quaes pela maior parte tem todas as cochias, tarimbas, e os mais arranjos com que trouxeram o exercito, faltando-lhes unicamente agua, de que se podem ir prover na ria de Vigo. A difficuldade pois d'este projecto consiste em realisar o embarque das tropas em presença d'um inimigo triumphante: mas para o proteger voluntariamente me offereço desde já a vossa magestade, dando-me trezentos homens escolhidos, com o auxilio dos quaes garantirei o embarque de vossa magestade, e o das reliquias do seu exercito. Conseguido isto, vossa magestade tem de tomar novamente as ilhas dos Açores, onde pode tratar com seu irmão, ou arranjar uma nova expedição, se as circunstancias lh'o permittirem.» D. Pedro, grato por tão generoso offercimento, estendeu commovido a mão a Bernardo de Sá, e significou o seu agradecimento por tão patriótica dedicacão.

Em novembro de 1832, quando algumas desintelligencias no Porto fizeram com que Mousinho d'Albuquerque passasse para a pasta do reino, foi Bernardo de Sá Nogueira nomeado ministro da marinha, exonerando-se d'este encargo em maio de 1833, quando, serenadas as desintelligencias que haviam rebentado entre o almirante Sartorius e o ministerio, entendeu que a reintegração do referido almirante inculcava fraqueza da parte do governo.

O alto cargo de ministro não eximia Bernardo de Sá, agraciado pelos seus serviços militares com o titulo de barão de Sá da Bandeira, de se apresentar em campo nas occasiões em que a cidade era atacada, ou que se havia de emprehender alguma facção. Ainda em março d'este ultimo anno, quando se tomou o monte das Antas nas linhas do Porto, foi ferido gravemente n'uma perna.

Quando a capital foi restaurada em 24 de julho de 1833, o barão de Sá foi um dos primeiros officiaes que para aqui veiu enviado do Porto; e depois de ajudar a defender as linhas de Lisboa foi nomeado governador de Peniche. Achava-se então esta praça em risco de se perder, porque o exercito inimigo baixara das linhas do Porto. As sortidas que o governador fez d'aquelle ponto, trouxeram consigo as acções da serra d'El-Rei, e a tomada d'Obidos em 29 de setembro, o que o imperador lhe galardoou com a commenda da Torre Espada.

Depois da expedição do duque da Terceira ao Algarve, o estado d'aquella provincia não era muito lisonjeiro. As guerrilhas cercavam Lagos, Olhão, Faro, e todas as outras terras lhes tinham caído novamente nas mãos, e em Lisboa pouco se tratava de lhes acudir com socorros. Finalmente o imperador decidiu-se a enviar para ali o barão de Sá da Bandeira, que partiu a 19 de fevereiro, e chegando a Lagos no dia 20, fez embarcar parte da guarnição, e com ella entrou em Faro no dia 21, e tomou posse do commando militar.

Logo no dia 22 fez uma sortida com uma pequena columna sobre S. Bartholomeu de Pexões, d'onde desalojou o inimigo causando-lhe grande perda em mortos, feridos e prisioneiros. Seguiu em sua perseguição até ás alturas da Boa-Vista, posição forte, e onde havia um acampamento permanente, que se não arriscaram a defender, largando-o ás tropas da rainha com as provisões que ali tinham.

No dia 23 continuou a columna liberal a marcha sobre a aldêa de Moncarapacho, onde encontrou tres peças de artilheria, um obuz, algumas provisões e cavallos. Estava provado que os realistas não se aventuravam a fazer cara ao barão, que marchando afoitamente d'aquelle ponto deitou a galope a sua cavallaria pela estrada de Tavra, e ahí entrou fazendo alguns prisioneiros.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

### APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS.

#### JORGE SAND.

Aurora Dupin, é o nome da illustre escriptora conhecida no mundo litterario pelo pseudonimo com que abrimos este artigo.

Pretendem os seus genealogistas que o sangue real lhe circula nas veias por parte de sua mãe, a quem dão por descendente de Augusto 11. Seu avô foi o rendeiro geral Dupin.

Para os que tomam a ascendencia por titulo de distincção, a origem patricia de que descende torna-a-hia distincta, se os seus talentos não a houvessem engrandecido. Outra distincção reunia tambem, e esta de grande peso para o mundo do positivismo em que vivemos — a sua riqueza.

O pseudonimo *Jorge Sand*, que por uma reminiscencia de coração a escriptora tem usado até hoje e conservará sempre, revestiu Aurora Dupin de um prestigio no mundo litterario, ao qual se reuniram fabulas extravagantes, e exageradas narrações sobre o seu modo de viver.

Mesmo em Paris o seu sexo suscitou duvidas. Por muito tempo passou por androgyna. Assim apostavam não só aquelles que não podiam admitir que a mulher tivesse um estylo tão nervoso e esplendido, e examinando escrupulosamente os seus romances n'elles encontravam pensamentos viris apar dos sentimentos que só cabem n'um coração feminino; mas tambem os que de perto a haviam tratado, vendo-a fumar uma cigarrilha, e vestir algumas vezes os nossos trajes.

A este respeito semelhantes absurdos estão julgados hoje pelo que são — fabulas. Quem de perto tem tratado Aurora Dupin, conhece que se ella não é estranha aos arrojados pensamentos do homem, as graças da mulher tambem lhe são em extremo familiares.

No castello de Nohans, perto de La Chatre, viu ella a luz do dia no anno de 1803. Tão descuidados correram os tempos da sua primeira educação, que na idade de 14 annos, quando entrou no convento das *Donas Inglesas* em Paris, nem o signal da cruz sabia fazer. Madame Dupin, sua avó, tivera grande culpa n'este desprezo pela educação religiosa, porque, embebida nas idéas do ultimo seculo, não tratava de inspirar-lhe os adequados sentimentos.

Com a restauração manifestara-se em França a reacção contra a incredulidade e irreligião da epoca precedente. Foi então que madame Dupin comprehendeu que a sua neta carecia d'uma direcção e educação religiosa, e por isso a fez admitir no convento *des Fosses-Saint-Victor*.

Poucos mezes havia que Aurora Dupin ali se achava recolhida, quando começou a sentir toda a influencia d'aquella piedosa instituição. Maravilhou-se da magnificencia do culto catholico; sua alma ardente expandiu-se, a imaginação exaltou-se-lhe, e o fervor desinvolveu-se-lhe a tal ponto, que a propria subpriora do convento se viu obrigada a moderar-lh'o.

Já a regra não parecia severa á neophyta. Queria mortificação. Achava-se n'um d'aquelles delirios de enthusiasmo com que se corre a affrontar o martyrio.

Sua avó falleceu alguns annos depois, e então a casaram com um rico proprietario do Berry, mr. Dudevant, velho soldado aposentado, e a quem ella levou de dote quinhentos mil francos.

Este casamento de conveniencia não foi feliz, e os seus parentes deviam tel-o previsto.

Aurora era moça, ardente, entusiasta e artista. Não podia portanto sympathisar com um marido, cuja principal litteratura não passava dos boletins do grande exercito.

Era um homem que pouco tinha visto e tratado, e que portanto zombava de todas as aspirações da alma e dos rasgos da imaginação. Os sonhos de poeta, e as viagens pelas regiões do ideal, tomava-as elle por loucura de creança e menos dignas da attenção de um homem serio.

Supportou, portanto, a senhora Dudevant a sua cruz por alguns annos, com admiravel resignação; porém não podendo aturar-a por mais tempo, tão fastidiosa como a levava, abandonou o tecto conjugal e foi refugiar-se em Paris.

Ahi promoveu um processo de separação, que por fim conseguiu comprando cara a liberdade, porque se encontrou sem recursos para viver, e os gosos do coração não a indemnizaram assaz da perda da sua dignidade de espo-

sa. A alliança illicita não correspondeu á felicidade que sonhara, e que tambem não tinha encontrado no consorcio.

Este golpe, que devia ser bem duro ao seu coração, cicatrizou-se depressa; porque as almas energicas sabem elevar-se nas suas qualidades sympathicas, não se deixando dominar de uma dôr que outras julgam sem remedio.

Uma nova ligação fez-lhe esquecer as antigas, e com ella baptizou no affecto o nome que depois adoptou para as suas obras litterarias.

Jorge Sand antes de escrever a *Indiana*, que foi a aurora da sua reputação, dirigiu alguns artigos a mr. Delatouche, redactor em chefe do *Figaro*. O tom sarcastico d'este jornal não se casava com a riqueza do talento descriptivo do novo autor. Mr. Delatouche, como pessoa de fina penetração que era, fez-lhe comprehender que a litteratura quotidiana a desviava da senda brilhante que podia seguir com aproveitamento, e aconselhou-a prudentemente a escrever novellas e romances.

Foi com o pseudonimo de Sandeau que em 1831 appareceu a sua novella *Rose e Blanche*, composição no seu todo mediocre, mas onde o olho investigador descobre os vestigios d'um espirito distincto.

Seguiu-se então a *Indiana*, d'onde se exhalam os mais suaves perfumes da imaginação, e as mais tocantes emoções do coração.

A india e a sua serva enamoradas ambas do mesmos heroes, apresentam cada uma a physionomia da sua respectiva condição; e se a segunda arrebatava pela dedicção, a primeira é eminente na paixão.

Não tardou muito tempo que *Valentine* apparecesse á estampa, e tambem n'esta, a mulher é o typo heroico nas suas elegantes formas. Jorge Sand, que é uma mulher superior, devia necessariamente comunicar ás suas creações o fogo divino que a anima, procurando rehabilitar na sociedade em que vivemos essa metade do genero humano tão rebaixada n'outros tempos, e em alguns paizes.

Da *Lelia* pode dizer-se que Jorge Sand a creou pelo seu proprio modelo. Aquellas ricas facultades intellectuaes, aquellas illusões perdidas, aquellas intemperanças de imaginação juntas a uma sensualidade já extincta, estão trahindo em cada pagina os proprios sentimentos de quem os traçou. Foi por isso que nenhum livro de Jorge Sand causou tanto arruido como este.

O moralista tem incontestavelmente direito de condemnar este romance; porém a fortaleza dos nossos principios nem sempre resiste aos ataques do inimigo que conhece o nosso fraco vulneravel. Por isso este livro, apesar do veneno que as suas folhas distillam, é avidamente lido. A variedade e o brilho dos tons, o colorido e o estylo empregados pela artista nos diversos caracteres que pinta, arrebatam e maravilham, e facilmente lhe fazem perdoar certos detalhes que a moral reprova, produzidos talvez n'essas horas de desanimação que só a falsa situação da autora na epoca em que o escreveu pode explicar.

São obra sua: *Jacques, Le secretaire intime, Leone Leoni, André Simon, Mauprat, Spiridion, Un Hiver a Majorque, Jeanne, les Sept cordes de la lyre, Lettres a un voyageur, Isidore a Valereuse, le Piccinino, Horace, Teverino, Lucrezia Floriani, Pauline, le Compagnon du tour de France, Consuelo*, e sua continuação *la Comtesse de Rudolstadt, le Meunier d'Angibault, le Chateau des Desertes, le Champi, la Mare au Diable, la petite Fadette*, e varias de que não nos recordamos agora. Actualmente a *Presse* está publicando nas suas paginas trabalhos litterarios da illustre escriptora.

D'entre os romances que acabamos de citar, os tres ultimos são composições d'um verdadeiro valor, e que justificam o exito que obtiveram em França e no mundo litterario; porém a que sobre todas leva a palma é o *André* no mais elegante estylo pastoril que hoje se reconhece na litteratura franceza.

As bucolicas de Fontenelle e Florian assentaram nos labios das suas pastoras e pastores phrases e expressões de sentimentos que não invejam aos de uma côrte illustrada. Era porque as suas personagens haviam necessariamente designar certa e determinada pessoa d'aquella Paris em que viviam, e ás quaes unicamente trocavam o salão pelo bosque copado, contentando-se com esta mutação.

Jorge Sand foi, pelo menos em a nossa opinião, melhor inspirada. Nas suas bucolicas expressam-se os sentimentos com propriedade, e parece-nos estar realmente assistindo a uma verdadeira scena de amores campestres. Geneveva, a principal personagem d'este romance, é a creatura mais adoravel que a imaginação pode crear. Vivendo sempre entre as flores, parece que lhes arrebatou o seu perfume e a sua virginal frescura.

E que diremos de *Consuelo*? É indubitavelmente um dos bons livros de Jorge Sand. Essa rapariga, feia na infancia, torna-se bella com o seu desinvolvimento, porém d'uma belleza intellectual mais do que da belleza physica.

Esta transformação vae gradualmente, e como acompanhada pelo leitor a cada pagina que lê, e é com o mais vivo interesse que vemos despontar n'aquella alma os primeiros sentimentos nobres que a apaixonam. Aquelle amor tão felizmente descripto, fascina, e quasi que nos sentimos promptos a amnistiar as faltas que ella depois possa commetter.

Jorge Sand escreveu tambem no jornal *de Monde*, fundado por Lamennais, uma serie de cartas a *Murcia*, notaveis pelos sentimentos humanitarios que n'ellas desinvolveu.

A sua estreia no theatro não foi feliz. *Cosima*, que subiu á scena na *Comedia Franceza*, foi retirada, e sem injustiça, ao cabo d'algumas representações. Mais feliz foi o theatro do *Odéon* com o *Champi*, composição em que se distingue a belleza das situações e a delicadeza dos sentimentos. Algum tempo depois representou-se no *Gymnasio* o *Claudio*, que foi um florão na sua corôa dramatica. *Le Démon du foyer* e varias outras tem justificado este exito.

Concluindo estes ligeiros apontamentos, diremos que quem examinar detidamente as obras de Jorge Sand hade encontrar nas suas paginas reflexos das affecções mores, de que a autora tem sido victima; muitos lances fingidos n'uma estranha personagem, e que realmente foram acontecidos com ella; muitas situações em que a censura se pode applicar sem que a taxem de excessivamente severa; mas, apar d'estes defeitos, o leitor hade extasiar-se ante aquelle genio descriptivo que dá ás suas imagens um colorido tão vivo, e que representa com verdade o coração da mulher, porque a mão que as traçou é de mulher que muito conhece o mundo pela agra experiencia que d'elle tem tido.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

#### GÉRARD.

Etienne-Mauricio-Gérard nasceu em Damvilliers, departamento de la Meuse, a 4 d'abril de 1773. Sentou praça em 1791, como simples voluntario, e chegou rapidamente ao posto d'alferes. Nomeado no principio do anno v ajudante de campo de Bernadotte, seguiu este general em todas as suas campanhas d'Italia e do Rheno.

Sendo coronel na batalha d'Austerlitz, foi ahí ferido e recebeu o grau de commendador da Legião de Honra. Depois fez a campanha na qualidade de general de brigada, e foi nomeado, depois da paz de Tilsitt, chefe de estado maior do exercito de Bernadotte. Conservou as suas funções durante toda a campanha de 1809, commandando em Wagram a valente cavallaria saxonica.

Em 1810 commandava uma brigada em Portugal no corpo d'exercito do conde d'Erlon. Em 1812 teve o commando d'outra na Russia, ás ordens do principe d'Eckmuhl. Tomou activa parte na victoria de Smolensk; mas foi na batalha de Valentina que começou a grangear reputação.

Havendo o general de divisão Gudin sido ferido mortalmente no principio da acção, Gérard tomou o commando e alcançou uma victoria caramente disputada pela flor das tropas russas.

Nomeado general de divisão depois d'este brilhante feito d'armas, combateu valorosamente em Moskowa, e foi encarregado da vanguarda no corpo d'exercito do principe d'Eckmuhl. Fez prodigios durante a longa e desastrosa retirada de Moscou.

Ao recommear as hostilidades, o general Gérard foi posto á frente d'uma divisão do decimo primeiro corpo, ás ordens do duque de Tarento. A sua decisiva influencia nas victorias de Bautzen e Goldberg depressa o fez elevar ao commando em chefe d'este corpo d'exercito.

Tendo sido ferido em Hatzbach, uma outra ferida recebida na batalha de Leipzig o obrigou a deixar o commando.

Em 1813 fez, á testa do corpo das reservas de Paris, a prodigiosa campanha de França, e o seu nome acha-se em todos os boletins da epoca. Era elle quem commandava em chefe o exercito no combate de Montereau, o quem o decidiu.

Napoléão, que já o tinha nomeado conde, elevou-o, nos cem dias, á dignidade de par de França. Encarregado n'esta epoca do commando do exercito da Moselle, deve-se-lhe a victoria de Ligny. Ferido gravemente em Waterloo, acompanhou o exercito para a outra margem do Loire.

Depois dos acontecimentos de 1815, saiu de França, onde só tornou em 1817.

Os eleitores de Paris elegeram-o deputado em 1822. Foi de novo á camara em 1830 e fez parte dos 221.

Em 11 d'agosto de 1830, Luiz Philippe elevou-o ao ministerio, na repartição da guerra, e em breve lhe conferiu o bastão de marechal. Commandou o exercito d'Auvergne. Depois foi nomeado outra vez par de França, em 1833, e successivamente occupou o posto de grande chancelier da Legião de Honra, e de commandante geral das guardas nacionaes do Sena. Estando ha muito tempo fora da vida politica, foi chamado pelo decreto de 27 de janeiro de 1852, que o nomeou senador.

Morreu tres mezes depois, a 18 de abril do mesmo anno.

#### BRAZIL.

(Topinambás.)

A nação Topinambá foi no Brazil a mais famosa e extensa das que habitaram e dominaram aquella fertilissima região da America. Estendia-se em grande numero, pelo tracto da terra que comprehende os limites da Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará.

Foi famosa pelas suas qualidades guerreiras, e pela especie de leis e politica, porque se regia. A sua lingua, que se pode dizer ter sido a geral, é a que inda hoje se

